

Resenha

LEWGOY, Bernardo. *O grande mediador, Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru, SP: EDUSC/Brasília: CNPq-PRONEX, 2004, 135 p.

Mediando Relações: Chico Xavier, espiritismo e a cultura brasileira

*Hugo Ricardo Soares**

A intenção deste texto é apresentar um resumo e uma interpretação do livro “*O grande mediador, Chico Xavier e a cultura brasileira*” de autoria do antropólogo Bernardo Lewgoy, atualmente professor do departamento de Antropologia Social do IFCH da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O trabalho foi publicado em 2004 pela editora EDUSC (sediada em Bauru) em parceria com o NER (Núcleo de Estudos da Religião) da UFRGS, e é parte de uma pesquisa mais ampla sobre as relações entre os espíritas e a cultura escrita e letrada no Brasil, que o autor fez como requisito para a obtenção do título de doutor em Antropologia Social pela USP.

O título do livro já nos desperta a atenção, pois faz referência tanto à característica que tornou Chico Xavier uma grande celebridade no cenário nacional, ou seja, sua habilidade de intermediar as relações sociais entre o mundo dos vivos e o dos mortos (a mediunidade), quanto ao pressuposto inicial da linha argumentativa do próprio Lewgoy: a de que, na cultura brasileira, Chico Xavier desempenha outros papéis mediadores: entre religião e valores laicos, entre o espiritismo letrado francês e o universo devocional católico brasileiro, entre tradição e modernidade, etc.

Neste livro, o fenômeno religioso e editorial “Chico Xavier” é analisado de forma interessante, pois Lewgoy, com domínio, transita entre fontes de diferentes naturezas para chegar às conclusões acerca da importância do médium mineiro, bem como de sua produção editorial, para a dinâmica do campo religioso brasileiro (e por que não o campo editorial?) ao longo do século XX.

* Mestre e doutorando em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: <hrsoares@hotmail.com>.

Não só a obra psicografada de Chico é analisada com esmero, mas também os relatos sobre sua vida (tanto orais, quanto impressos em jornais e revistas) e as biografias publicadas, desde a década de 1950 até as escritas nos últimos anos. Todo este material é valorizado pelo autor, pois em seu entendimento, compõe diferentes camadas discursivas que, juntas, formam um todo: o fenômeno simbólico chamado Chico Xavier. Portanto, estes vários relatos são pensados como sendo várias versões de um mesmo mito.

“O Grande Mediador” é um livro objetivo. No primeiro capítulo, o autor se preocupa em apresentar uma rápida biografia de Chico Xavier, contextualizando assim seu objeto epistemológico de análise. No segundo, volta-se para a constituição do mito Chico Xavier a partir de referenciais teóricos do catolicismo devocional (a associação entre a aparição do espírito de sua mãe como uma revelação de Nossa Senhora, por exemplo) em contrapartida aos ataques do catolicismo reformado, ou seja, traça as relações entre o catolicismo devocional de caráter leigo e doméstico, típico do Brasil, com o espiritismo kardecista burguês e sempre tendo como contraposição o catolicismo ortodoxo da Instituição ainda influenciada pelo movimento de romanização do século XIX.

O ponto alto desta mediação entre catolicismo devocional e espiritismo kardecista está na forma como Chico sintetiza a tradição religiosa da graça e da mediação (tão caras aos católicos e fortemente representadas pela ação dos santos) com o sistema do carma (a lei universal que diz que toda ação tem sua reação), caro ao espiritismo. Percebe-se que, para Lewgoy, a confluência religiosa (ou o sincretismo) é um ponto fundamental para se entender a própria dinâmica do campo religioso. Aqui no caso, para se entender o próprio desenvolvimento do espiritismo brasileiro.

Este sincretismo estabelecido por Chico Xavier e por seu mentor espiritual Emmanuel muda a própria orientação do espiritismo no Brasil, levando-o de uma religião letrada, liberal e, portanto, de matriz burguesa, para um sistema religioso muito pautado nas ideias cristãs da caridade, do perdão, do culto ao Evangelho no Lar e na certeza de que o espiritismo é uma religião e não um sistema científico que explica as relações entre mundo dos vivos e dos mortos.

Ainda no capítulo 2, de longe o mais extenso e revelando assim certo desequilíbrio com os outros, Lewgoy, fazendo uso dos modelos elaborados por Roberto Da Matta para explicar a sociedade brasileira, mostra que Chico Xavier

também sintetiza em si valores laicos e nacionalistas. O médium apresenta na constituição de sua personalidade o modelo do “caxias” e o do “renunciante” (deixando de lado apenas o modelo do “malandro”). Chico é a favor da ordem e mais do que isto, como se conhecesse a Sociologia da Religião de Durkheim, a religiosidade presente em Chico Xavier corrobora com a ordem cívica e explica, através de sua cosmologia e dos seus mitos, a história brasileira sob outra ótica, mais poderosa e que a tudo engloba: a do plano dos espíritos.

Na visão de Lewgoy, estes modelos são visíveis, pois Chico Xavier está situado numa região liminar, em constante estado de *communitas*, ou seja, vive doando seu corpo físico para os espíritos se comunicarem com os vivos e doando sua espiritualidade aguçada para que os vivos saibam coisas do mundo dos espíritos.

O médium mineiro, neste sentido, torna-se um espírita modelar, pois, analisando esta característica de sua vida, percebemos que ele vivencia de forma intensa o principal aspecto ideológico do espiritismo: a de que a vida encarnada não passa de um grande período de aprendizagem, um período de provação e de preparo, um estado liminar em referência à verdadeira vida. O encarnado está em constante estado de *communitas*.

Portanto, Chico se dedica à sua missão de mediador entre os dois mundos e de divulgador maior da doutrina espírita no país. Abdica ao luxo, ao dinheiro e a qualquer tipo de status público. Chega ao ponto de se desmerecer e apresentar alegria franciscana frente à pobreza e às intempéries da vida. Mas mais do que isso, Chico abdica a matéria, dando a ela importância quase nula frente às coisas do plano espiritual. Lewgoy diz que este ascetismo de Chico é um ascetismo “inter-mundano”. Nesta sua característica é que se manifesta de forma mais clara o modelo do “renunciante” (ou do santo).

Além de desempenhar com dedicação total sua função religiosa, Chico sempre foi tido como bom cidadão, justo e trabalhador. E mais do que isso, mesmo sem falar claramente, sua produção bibliográfica psicografada dos anos 30 e 40 no Brasil revela um lado patriótico e profético. Livros, como *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*, mostram o caminho que o país deve tomar, tendo as determinações do plano espiritual como orientações inquestionáveis. Este será o tema dos capítulos 4 e 5 no livro de Lewgoy, nos quais o autor analisará a importância da obra psicografada de Chico Xavier e

como ela interpreta o Brasil e sua constituição como maior nação espírita do mundo.

Os modelos de cidadão exemplar e homem devotado, encontrados em Chico Xavier, permitem que as fronteiras entre as religiões católica e espírita fiquem mais fluidas, fazendo com que o católico que quiser conhecer ou experimentar a prática espírita não se sinta tão culpado.

No entanto, ao convergir em si estes dois modelos, o “campo de possibilidades” em que se insere o médium é bastante particular e redutor. Sendo um modelo de renunciante da matéria (o ascetismo inter-mundano citado acima), Chico Xavier acaba tendo que doar integralmente sua vida aos desígnios do plano espiritual. Ele não se casa, torna-se celibatário e pratica a caridade em grande escala, por exemplo.

Já o modelo de “caxias” acaba reduzindo suas ações no plano jurídico e social. Chico agüenta ao longo de sua vida injúrias, acusações de mal uso do dinheiro da vendagem dos livros e de exploração da credulidade alheia, mas não reage a nenhuma delas. Sempre se defende com os mecanismos da lei e sem grandes alardes, fazendo, assim, da descrição uma fiel companheira.

Outros autores com produção recente também se valem do conceito “campo de possibilidades” como ferramental de análise. É o caso de Antônio Braga em seu trabalho sobre a vida e a devoção ao Padre Cícero (Braga, 2008). Creio ser uma orientação mais ampla de estudos que vêm sendo muito bem trilhada por pesquisadores vinculados ao fecundo Núcleo de Estudos de Religião da UFRGS, local de origem desses dois pesquisadores.

O conceito, quando bem aplicado, permite pensar analiticamente as ações e feitos de um indivíduo ou um grupo em referência ao seu contexto histórico e social. Lewgoy, analisando aspectos e episódios da infância e adolescência do médium mineiro mostra como, dentro de sua realidade simbólico-religiosa, a mediunidade se desenvolveu de forma plausível e legítima. Esta “sociografia” que se pode fazer valendo-se de conceitos como o de “campo de possibilidades” permite que biografias sirvam como pontos de partida de análises sociológicas sérias.

Bernardo Lewgoy conclui seu livro fazendo algumas considerações finais sobre a produção bibliográfica de Chico Xavier e a visão da história brasileira que

ela apresenta. No entanto, o que creio ser realmente relevante neste sintético livro é a abordagem da vida e produção literária de Chico Xavier como um fenômeno complexo, que transcende os limites do fenômeno religioso e os limites de uma só religião.

Referências bibliográficas

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. *Padre Cícero*, sociologia de um padre, antropologia de um santo. Bauru: EDUSC. 2008.

DAMAZIO, Sylvia. *Da elite ao povo*, advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.